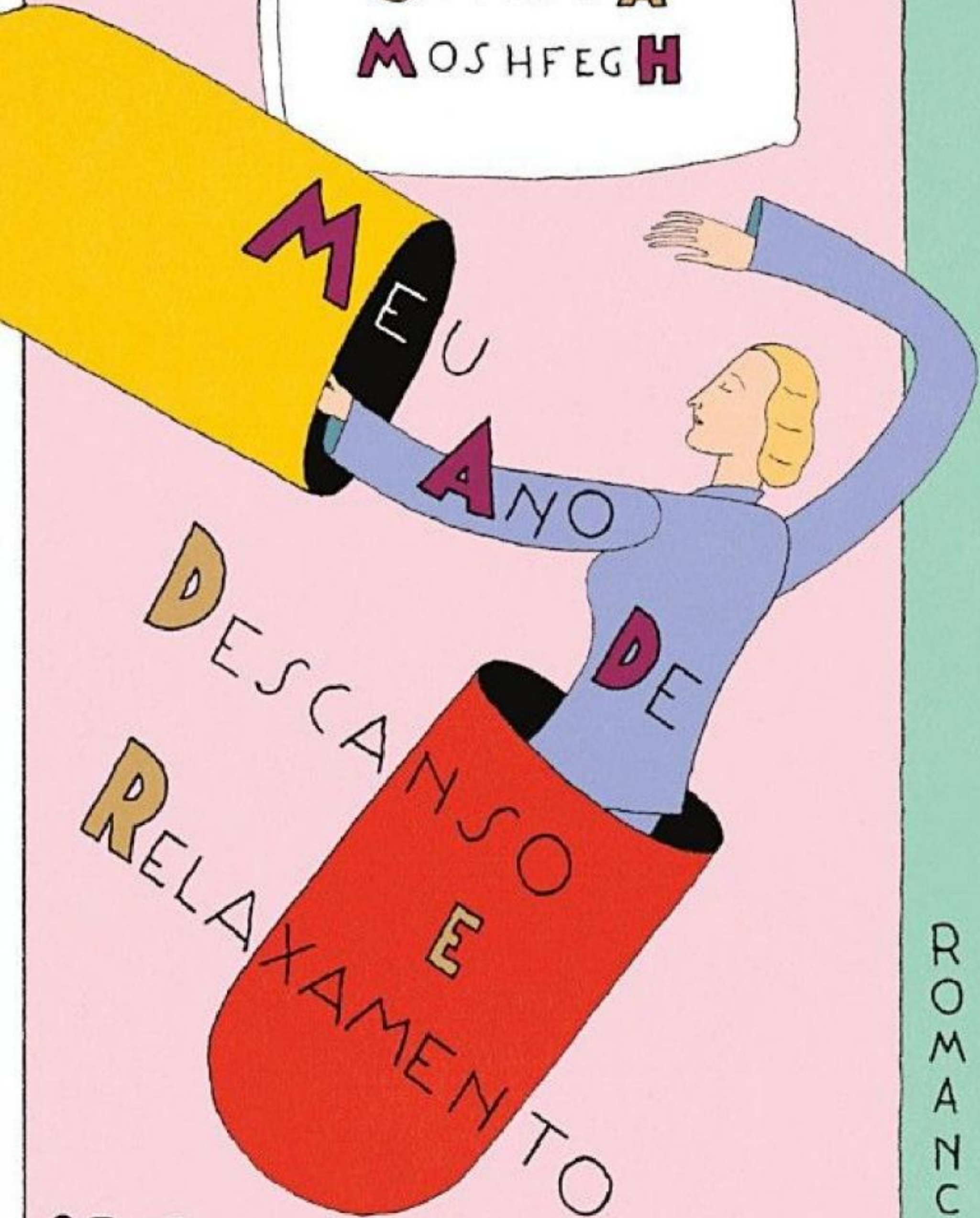


O T T E S S A
M O S H F E G H



F C C E
R O M A Z O R D

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito

Autora
Créditos

*Para Luke.
Meu único. Meu tudo.*

*Se você é esperto ou rico ou tem sorte,
Se você é esperto ou rico ou tem sorte,
Talvez derrote as leis do homem
Mas com as leis internas do espírito
E as leis externas da natureza
Ninguém pode
Não, ninguém pode...*

“The Wolf That Lives in Lindsey”, Joni Mitchell

Um

Assim que acordava, de dia ou de noite, eu corria pela entrada de mármore brilhante do prédio e ia até a esquina, onde havia um bar que nunca fechava. Pedia dois cafés com creme grandes, cada copo com seis pedrinhas de açúcar, e já entornava o primeiro no elevador ao voltar para casa, depois engolia o segundo assistindo filmes e comendo biscoito em forma de bichinho. Em seguida tomava Donaren, Stilnox e Nembutal até adormecer de novo. Foi assim que perdi a noção do tempo. Passavam-se dias. Semanas. Alguns meses iam para o ralo. Lembro que pedia comida no tailandês do outro lado da rua ou salada de atum no restaurante da Primeira Avenida. Acordava e via que tinha mensagens de voz no celular deixadas por salões de beleza e spas confirmando agendamentos que eu havia feito durante o sono. Sempre ligava para cancelar, coisa que eu odiava fazer porque odiava falar com pessoas.

Logo no começo dessa fase, uma vez por semana alguém vinha buscar minha roupa suja e entregava uma remessa de roupa limpa. Era reconfortante ouvir o barulhinho do vento da janela da sala batendo nas sacolas plásticas rasgadas. Eu gostava de sentir o cheiro de roupa lavada enquanto cochilava no sofá. Depois de um tempo, isso de ter que recolher toda a roupa suja e enfiar num saco me pareceu trabalho demais. E o barulho da minha própria máquina de lavar e secar me atrapalhava o sono. Então passei a jogar minhas calcinhas sujas no lixo. Mesmo porque todas elas me lembravam Trevor. Por um tempo, lingerie bregas da Victoria's Secret começaram a chegar pelo correio —

tangas fúcsia e verde-limão com babados, bodies e baby-dolls, cada peça lacrada num saco plástico transparente. Guardava as sacolinhas no armário e vestia roupa sem nada por baixo. Volta e meia chegava um pacote da Barneys ou da Saks com pijamas masculinos e outras coisas que eu não lembrava ter comprado — meias de lã, camisetas com estampas gráficas, jeans de marca.

Tomava banho no máximo uma vez por semana. Parei de fazer a sobrancelha, parei de clarear o cabelo, parei de me depilar, parei de fazer escova. Nada de hidratante ou esfoliante. Nada de gilete. Raramente saía de casa. Todas as minhas contas estavam no débito automático. Já tinha programado o pagamento de um ano de impostos do apartamento e da antiga casa dos meus pais, que já haviam morrido; a casa deles ficava no norte do estado. Os inquilinos de lá depositavam o aluguel na minha conta-corrente todo mês. O seguro-desemprego continuava caindo, desde que eu ligasse semanalmente e apertasse o “1” para dizer “sim” quando o serviço automático perguntasse se eu havia feito um esforço sincero para conseguir um emprego. Isso era o bastante para arcar com a minha parte dos remédios (a outra o plano de saúde pagava) e com o que quer que eu consumisse no bar. Além disso, tinha investimentos. O consultor financeiro do meu finado pai acompanhava isso tudo e me enviava relatórios trimestrais que eu nunca lia. Minha poupança também estava abastecida — o suficiente para me sustentar por alguns anos, desde que eu não fizesse nada de extravagante. Além disso, eu tinha um limite alto no Visa. Dinheiro não era uma preocupação.

Comecei a “hibernar” o máximo que podia em meados de junho de 2000. Estava com vinte e seis anos. Por uma ripa quebrada na persiana vi o verão se dissipar e o outono se tornar frio e acinzentado. Meus músculos definharam.

Os lençóis da cama amarelaram, embora em geral eu caísse no sono em frente à TV, no sofá listrado azul e branco da Pottery Barn coberto de manchas de suor e café e com o enchimento já detonado.

Nas horas que estava acordada, eu praticamente assistia filmes. Não aguentava ver TV. Especialmente no começo, a TV mexia demais comigo, eu ficava compulsiva com o controle remoto, clicando em todos os botões, ridicularizando tudo e me enervando. Não conseguia lidar com aquilo. As únicas notícias que li foram as manchetes sensacionalistas dos jornais locais expostos no bar. Passava o olho por eles enquanto pagava o café que havia pedido. Bush × Al Gore para presidente. Alguém importante morreu, uma criança foi sequestrada, um senador roubou dinheiro, um atleta famoso traiu a esposa grávida. Coisas aconteciam na cidade de Nova York — sempre acontecem —, mas nada disso me afetava. Essa era a beleza do sono — a realidade parecia ter se descolado e surgia na minha mente de modo tão fortuito quanto um filme ou um sonho. Era fácil ignorar o que não me dizia respeito. Funcionários do metrô entraram em greve. Um furacão passou e foi embora. Nada disso importava. Extraterrestres poderiam ter invadido a Terra, gafanhotos poderiam ter infestado o planeta e eu teria ficado sabendo, mas não teria me preocupado.

Quando precisava de mais remédio, eu me aventurava até a Rite Aid, a três quarteirões. Essa parte era sempre dolorosa. Subindo a Primeira Avenida, tudo me fazia estremecer. Era como um bebê saindo do ventre materno — o ar machucava, a luz machucava, os detalhes do mundo se revelavam espalhafatosos e hostis. Eu só bebia quando me arriscava nessas incursões — uma dose de vodca antes de sair e passar em frente a todos os bistrôs e cafés e lojas

que eu frequentava quando estava por aí, fingindo ter uma vida. Nos outros dias, buscava me limitar a um raio de um quarteirão de casa.

Os homens que trabalhavam no bar eram todos jovens egípcios. Além da minha psiquiatra, a dra. Tuttle, da minha amiga Reva e dos porteiros do prédio, os egípcios eram as únicas pessoas que eu via com frequência. Eles eram relativamente bonitos, uns mais que os outros. Tinham o rosto quadrado e uma testa masculina, sobrancelhas grossas e fartas. E todos pareciam passar kajal. Eram uma meia dúzia — irmãos ou primos, presumi. O estilo deles me desanimava. Usavam camisetas de futebol, jaquetas de couro e correntes de ouro com cruzes e ouviam a Z100. Não tinham nenhum senso de humor. Quando me mudei para o bairro, ficavam me bajulando, de um jeito até um pouco irritante. Mas, assim que comecei a me arrastar pela rua, com remela nos olhos e pasta de dente no canto da boca, em horas estranhas do dia, desistiram de querer me adular.

“Você tem uma coisa aqui”, disse o homem atrás do balcão certa manhã, apontando para o próprio queixo com longos dedos marrons. Fiz um gesto de “deixa pra lá”. Mais tarde descobri que minha cara inteira estava suja de pasta de dente.

Depois de alguns meses de compras desleixadas e semiadormecidas, os egípcios começaram a me chamar de “doutora” e logo aceitavam meus cinquenta centavos quando eu pedia um cigarro solto, o que acontecia com frequência. Eu podia ir a mil cafés, mas gostava daquele bar. Era perto, o café era sempre ruim e eu não esbarrava em ninguém pedindo um brioche ou um latte sem espuma. Lá não havia crianças catarrentas ou babás suecas. Nada de profissionais meticulosamente limpos ou casais num primeiro encontro. Aquele bar era um café da classe

trabalhadora — café para porteiros, entregadores, trabalhadores braçais, garçons e empregadas domésticas. Lá dentro o ar era pesado de bolor e detergente barato. Eu podia me servir do freezer embaçado cheio de sorvetes, picolés e copos plásticos com gelo. Os mostruários de acrílico transparente sobre o balcão estavam entuchados de chicletes e doces. Era tudo sempre igual: cigarros enfileirados de maneira organizada, montinhos de raspadinhas, doze marcas de água mineral, cerveja, pão de fôrma, uma gaveta com carnes e queijos que ninguém jamais comprou, uma bandeja de pãezinhos portugueses, uma cesta de frutas embrulhadas em filme plástico, uma parede inteira repleta de revistas que eu evitava. Não queria ler mais que as manchetes dos jornais. Fugia de qualquer coisa que pudesse despertar meu intelecto ou me deixar com inveja ou ansiosa. Mantinha a cabeça baixa.

De vez em quando Reva aparecia lá em casa com uma garrafa de vinho e insistia em me fazer companhia. Sua mãe estava morrendo de câncer. Essa, entre outras, era uma das razões que me tiravam a vontade de encontrá-la.

“Esqueceu que eu viria?”, perguntou Reva, me afastando para entrar na sala e acender as luzes. “A gente se falou ontem à noite, lembra?”

Gostava de ligar para Reva assim que o Stilnox batia. Ou o Gardenal, ou o que quer que fosse. Segundo ela, eu só queria falar do Harrison Ford ou da Whoopi Goldberg, o que pra ela era o.k. “Ontem à noite você me contou a história inteira de *Busca frenética*. E detalhou a cena em que eles estão dirigindo no carro com cocaína. Você não parava.”

“Emmanuelle Seigner está incrível nesse filme.”

“Foi exatamente o que você disse ontem à noite.”

Eu ficava irritada e ao mesmo tempo aliviada quando Reva aparecia, como a gente fica quando alguém chega bem

na hora que estamos nos suicidando. Não que eu estivesse me suicidando. Na verdade era o oposto de um suicídio. Minha hibernação era uma medida de autopreservação. Eu achava que aquilo salvaria minha vida.

“Agora, já pro banho”, dizia Reva, indo até a cozinha. “Vou levar o lixo pra fora.”

Eu já gostei da Reva, mas não gostava mais. Nós éramos amigas desde a faculdade, o que significava tempo suficiente para que a única coisa em comum que nos restasse fosse nossa história juntas, uma história formada por um circuito complexo de ressentimento, memória, inveja, negação e por alguns vestidos que emprestei e que ela prometeu lavar e devolver mas nunca o fez. Ela trabalhava como assistente executiva numa corretora de seguros em Midtown. Era filha única, rata de academia, tinha uma marca de nascença avermelhada no pescoço no formato do mapa da Flórida e o hábito de mascar chiclete que lhe causava uma disfunção temporomandibular e lhe deixava um hálito de canela e maçã verde. Ela gostava de vir até minha casa, afastar o que quer que estivesse na poltrona onde queria sentar e falar sobre o estado do meu apartamento, dizer que eu parecia ter emagrecido ainda mais e reclamar do trabalho enquanto reabastecia sua taça de vinho após cada gole.

“As pessoas não entendem o meu lado”, ela disse. “Elas dão de barato que eu tenho de estar sempre bem-humorada. Enquanto isso, esses idiotas pensam que podem sair por aí tratando como merda todo mundo abaixo deles. E devo sorrir e parecer fofa e enviar os fax deles? Fodam-se. Quero mais é que fiquem carecas e queimem no inferno.”

Reva estava tendo um caso com seu chefe, Ken, um homem de meia-idade com mulher e filho. Ela não escondia sua obsessão por ele, mas tentou abafar que estavam transando. Uma vez me mostrou uma foto dele num folheto

da empresa — alto, ombros largos, camisa branca, gravata azul, rosto tão genérico, tão entediante que ele próprio poderia ser feito de plástico. Assim como eu, Reva tinha uma quedinha por homens mais velhos. Homens da nossa idade, ela dizia, eram muito sentimentais, carinhosos demais, carentes demais. Eu conseguia entender seu julgamento negativo, mas nunca conheci um homem assim. Todos com quem já estive, tanto jovens quanto velhos, foram desinteressados e hostis.

“Você tem um coração de pedra, é por isso”, Reva explicou. “Os iguais se atraem.”

Como amiga, Reva era de fato melodramática, afetuosa e carente, mas também muito reservada e, vez ou outra, bastante mandona. Ela não conseguia ou simplesmente não poderia *entender* por que eu queria dormir o tempo todo, e estava sempre me esfregando na cara, do alto de seu pedestal moral, que era para eu “encarar os fatos”, se referindo ao meu mau hábito da vez. No verão em que comecei a dormir, Reva me repreendeu por “jogar fora meu corpo perfeito”. “Fumar *mata*.” “Você deveria sair mais.” “Você está comendo proteína o suficiente?” Etc.

“Não sou criança, Reva.”

“Só estou preocupada com você. Porque eu me importo. Porque eu *te amo*”, dizia.

Desde que nos conhecemos, no primeiro ano da faculdade, Reva era do tipo que não admitia um desejo que fosse remotamente desagradável. Pelo menos se estivesse sóbria. Mas ela não era perfeita. “Ela não é nenhuma santa”, como diria minha mãe. Eu sabia havia anos que Reva era bulímica. Sabia que ela se masturbava com um massagedor de pescoço porque tinha vergonha de comprar um vibrador de verdade numa sex shop. Sabia que estava extremamente endividada por causa de um empréstimo que pegou para pagar a faculdade e por anos estourando o limite do cartão

de crédito, e que furtava provadores da seção de beleza da loja de alimentos saudáveis perto de seu apartamento no Upper West Side. Eu tinha visto a etiqueta “Teste” colada em vários produtos que ela guardava num nécessaire enorme que carregava pra cima e pra baixo. Era uma escrava da vaidade e do status, o que não era nada incomum num lugar como Manhattan, mas eu achava seu desespero especialmente irritante. Isso não me ajudava a respeitar sua inteligência. Ela era obcecada por marcas, por estar dentro dos conformes, por “se encaixar”. Batia ponto em Chinatown para comprar as últimas bolsas de grife. Uma vez me deu de Natal uma carteira Dooney & Bourke. Comprou chaveiros falsos da Coach pra nós duas, iguaizinhos.

Ironicamente, seu desejo de ser elegante sempre a impediu de ser elegante. “Estudar estilo não é o mesmo que ter estilo”, tentei explicar. “Charme não é um corte de cabelo. Ou você tem ou você não tem. Quanto mais você se esforçar para parecer moderna, mais cafona você vai parecer.” Nada a machucava mais do que uma beleza sem esforço, como a minha. Um dia, quando assistíamos *Antes do amanhecer* no VHS, ela disse: “Você sabia que a Julie Delpy é feminista? Fico me perguntando se é por isso que ela não é tão magra. Eles nunca dariam esse papel pra ela se fosse americana. Olha o braço dela, é uma geleia. Aqui ninguém tolera braço flácido. Um braço mole é a sua ruína. É como a faculdade. Você nem existe se não se matricular em nenhuma.”

“Você fica feliz por saber que Julie Delpy tem o braço flácido?”, perguntei.

“Não”, ela disse depois de refletir. “Não chamaria isso de felicidade, é mais como uma *satisfação*.”

Inveja era algo que Reva achava desnecessário esconder de mim. Desde que nos tornamos amigas, toda vez que eu

contava algo bom que tivesse me acontecido, ela choramingava um “não é justo” que foi se tornando tão frequente a ponto de virar uma espécie de bordão que ela disparava sem se dar conta, sem alterar o tom de voz. Uma resposta automática a uma nota alta que eu tivesse tirado, um batom novo, um picolé, um corte de cabelo caro que eu tivesse feito. “Não é justo.” Eu fazia uma cruz com os dedos e mostrava pra ela, como que me protegendo da sua inveja e raiva. Uma vez perguntei se toda aquela inveja era porque ela era judia, se achava que as coisas eram mais fáceis pra mim por eu ser anglo-saxã e protestante.

“Não é por eu ser judia”, lembro que ela disse. Isso foi perto da nossa formatura, quando entrei na lista de melhores alunos que o reitor da faculdade elaborou, apesar de ter faltado a mais da metade das aulas do último ano, enquanto Reva tinha bombado na monografia final. “É porque sou gorda.” Ela na verdade não era. Era muito bonita, de fato.

“Queria que você cuidasse melhor de si mesma”, me disse Reva numa de suas visitas, eu naquele estado de semiacordada. “Não posso fazer isso por você, você sabe disso. Por que você gosta tanto da Whoopi Goldberg? Ela não é nem engraçada. Você precisa assistir filmes que vão te colocar pra cima. Tipo *Austin Powers*. Ou aquele com a Julia Roberts e o Hugh Grant. Você está igual à Winona Ryder em *Garota, interrompida*, embora se pareça mais com a Angelina Jolie. Ela está loira nesse filme.”

Era assim que ela expressava sua preocupação com o meu bem-estar. Ela também não gostava que eu estivesse “usando drogas”.

“Você realmente não devia misturar álcool com todos esses remédios”, disse Reva, terminando o vinho. Deixei que ela bebesse tudo sozinha. Na faculdade, Reva se referia à sua peregrinação pelos bares como “ir à terapia”. Matava

um Whiskey Sour numa golada e tomada um Advil entre um drinque e outro. Dizia que isso mantinha sua tolerância ao álcool. Provavelmente ela seria diagnosticada como alcoólatra. Mas estava certa a meu respeito: eu *estava* “usando drogas”. Tomava mais de uma dúzia de comprimidos por dia. Porém, tudo estava nos conformes. Tudo com receita. Eu só queria dormir o tempo todo. Era esse meu plano.

“Não sou uma crackeira nem nada assim”, respondi na defensiva. “Estou tirando um tempo pra mim. Este é meu ano de descanso e relaxamento.”

“Sorte sua”, disse Reva. “Eu não me importaria em tirar uma folga do trabalho para andar por aí, ver filmes e dormir o dia todo, mas não estou reclamando, só não posso me dar ao luxo.” Uma vez bêbada, ela botava os pés em cima da mesinha de centro, jogando no chão minhas roupas sujas e as correspondências fechadas, e se punha a falar de Ken e me atualizar sobre o mais novo episódio da novela *Romance na empresa*. Ela se gabava de todas as coisas divertidas que fazia no fim de semana, reclamava de ter saído do regime da vez e de, por isso, ter feito hora extra na academia, para compensar. E às vezes começava a chorar por causa da mãe. “Simplesmente não consigo mais falar com ela como antes. Estou tão triste, me sentindo tão abandonada. Me sinto muito, muito sozinha.”

“Estamos todos sozinhos, Reva”, eu dizia. E era verdade: eu estava, ela estava. Era o máximo de conforto que eu podia oferecer.

“Sei que tenho que me preparar para o pior em relação à minha mãe. O prognóstico não é bom. E acho que não estou nem cem por cento informada sobre o câncer dela. Isso me deixa desesperada. Queria que tivesse alguém pra me abraçar, sabe? Não é patético?”

“Você é carente.” respondi. “Pra baixo.”

“E ainda tem o Ken. Eu simplesmente não aguento. Prefiro me matar a ficar sozinha”, disse.

“Pelo menos você tem opções.”

Quando eu estava a fim, pedíamos salada no restaurante tailandês e assistíamos alguma coisa no pay-per-view. Eu preferia meus VHS, mas Reva sempre queria ver qualquer porcaria que fosse “novidade” e que “todo mundo estivesse comentando” e que “devia ser boa”. Nessa época ela se orgulhava de ser a grande entendida em cultura pop. Sabia das últimas sobre as celebridades, seguia as tendências do momento. Eu não dava a mínima pra essas coisas. Reva, por outro lado, estudava a *Cosmopolitan* e assistia *Sex and the City*. Era competitiva quando o assunto era beleza ou “sabedoria de vida”. E achava que sua inveja fazia todo sentido. Comparada a mim, era “desprivilegiada”. E, nos seus termos, tinha razão: eu parecia uma modelo, tinha um dinheiro não merecido, usava roupas de grife de verdade, era formada em história da arte. Já ela era de Long Island, tinha uma aparência nota oito, mas dizia que era “nota três para o padrão de Nova York”, e tinha se formado em economia. “O curso do nerd asiático”, como ela dizia.

O apartamento de Reva ficava no terceiro andar de um prédio sem elevador e cheirava a roupa de ginástica suada, batata frita, desinfetante e perfume Tommy Girl. Embora ela tivesse me dado uma cópia das chaves assim que se mudou, eu só tinha ido lá duas vezes em cinco anos. Ela preferia ir à minha casa. Acho que gostava de ser reconhecida pelo porteiro do meu prédio, subir naquele elevador chique com botões dourados e observar quanto eu desperdiçava todos aqueles luxos. Não sei qual era a de Reva. Eu não conseguia me livrar dela. Ela me adorava mas também me odiava. Via minha batalha contra a depressão como uma paródia cruel de sua própria desgraça. Eu havia escolhido minha solidão e falta de propósito, e ela, apesar

de seu trabalho árduo, simplesmente fracassou em obter o que sempre quis — sem marido, sem filhos, sem uma carreira fabulosa. Por isso, quando comecei a dormir o tempo todo, acho que ela sentiu certa satisfação em me ver desmoronar e me tornar a preguiçosa inútil que esperava que eu estivesse me tornando. Não estava interessada em competir com ela, mas no começo eu me ressentia, então nós discutíamos. Imagino que ter uma irmã seja mais ou menos assim, uma pessoa que te ama o suficiente para apontar todas as suas falhas. Mesmo nos fins de semana, quando ficava até mais tarde, ela se recusava a dormir lá. Não que eu quisesse, mas ela sempre fazia uma cena, como se tivesse responsabilidades que eu jamais entenderia.

Certa noite tirei uma polaroide dela e preendi na moldura do espelho, na sala de estar. Reva pensou que fosse um gesto afetivo, mas na verdade era um lembrete de como eu não gostava de sua companhia. Queria olhar para aquilo quando estivesse sob o efeito de remédios e sentisse vontade de ligar pra ela.

“Vou te emprestar meus CDs estimuladores de autoconfiança”, era o que dizia caso eu aludisse a qualquer problema ou preocupação.

Reva era chegada a livros e cursos de autoajuda que, sob o pretexto de ensinar jovens mulheres a “viver seu pleno potencial”, geralmente associavam alguma dieta ao desenvolvimento de habilidades propiciatórias de sucesso profissional e romântico. A cada poucas semanas ela aparecia com um novo paradigma a respeito de como levar a vida, e eu tinha que ouvir. “Você precisa saber reconhecer quando está cansada”, ela me aconselhou certa vez. “Hoje em dia muitas mulheres acabam se sobrecarregando.” Uma dica que *Tire o máximo do seu dia, garotas* dá é que você deve fazer um planejamento de tudo o que vai vestir durante a semana ainda no domingo à noite.

“Assim você não perde tempo de manhã se perguntando o que usar.”

Eu odiava quando ela falava desse jeito, juro.

“Vamos ao Saints. É a noite das meninas. Mulheres bebem de graça até as onze. Você vai se sentir bem melhor.” Ela era especialista em transformar conselhos enlatados em desculpa para beber até entrar em amnésia alcoólica.

“Não estou a fim de sair, Reva”, respondi.

Ela olhou para as próprias mãos, brincou com os anéis, coçou o pescoço, depois olhou para o chão.

“Sinto sua falta”, ela disse, com a voz falhando. Talvez pensasse que essas palavras amoleceriam meu coração. Eu estava me entupindo de Nembutal o dia todo.

“Acho que não devíamos mais ser amigas”, eu disse, me estendendo no sofá. “Estive pensando sobre isso e não vejo razão pra continuar.”

Reva continuou sentada, pressionando as mãos contra a coxa. Depois de um ou dois minutos de silêncio, olhou para mim e colocou o dedo sob o nariz do jeito que costumava fazer quando estava prestes a chorar. Seu dedo formava um bigodinho de Hitler. Cobri minha cabeça com o pulôver e cerrei os dentes tentando não rir enquanto ela gaguejava, choramingava e tentava se recompor.

“Sou sua melhor amiga”, ela disse, com um ar melancólico. “Você não pode me excluir da sua vida. Isso seria muito autodestrutivo.”

Puxei o pulôver para baixo para dar uma tragada no cigarro. Ela afastou a fumaça do rosto e fingiu tossir. Então se virou para mim. Tentava criar coragem estabelecendo contato visual com o inimigo. Eu podia ver o medo em seus olhos, como se ela estivesse olhando para um buraco negro em que pudesse cair.

“Pelo menos estou me esforçando para mudar e ir atrás

do que eu quero”, ela disse. “Além de dormir, o que *você* quer da vida?”

Escolhi ignorar seu sarcasmo.

“Queria ser artista, mas não tenho talento”, respondi.

“Precisa mesmo de talento?”

Essa deve ter sido a coisa mais inteligente que Reva já me disse.

“*Sim*”, repliquei.

Ela levantou e saiu batendo os calcanhares, fechando a porta com delicadeza. Peguei uns Frontais, comi uns biscoitos de bichinho e encarei o assento enrugado da poltrona vazia. Depois levantei, coloquei *O jogo da paixão* e assisti sem entusiasmo enquanto cochilava no sofá.

Reva me ligou meia hora depois e deixou uma mensagem de voz dizendo que já havia me perdoado por eu ter ferido seus sentimentos, que estava preocupada com a minha saúde, que me amava e não me abandonaria, “não importa o que aconteça”. Meu queixo relaxou escutando aquela mensagem, como se eu tivesse rangido os dentes por dias a fio. Talvez eu de fato tivesse feito isso. Fiquei imaginando Reva fungando por entre as gôndolas de um supermercado qualquer, escolhendo o que iria comer e depois vomitar. Sua lealdade era absurda. Foi isso que manteve a nossa amizade.

“Você vai ficar bem”, foi o que eu disse quando ela me contou que a mãe estava começando uma terceira fase de quimioterapia.

“Não surte”, foi o que falei quando o câncer da sua mãe se espalhou para o cérebro.

Não consigo reconhecer nada que justifique minha decisão de hibernar. No começo, eu só queria uns tranquilizantes para abafar meus pensamentos e juízos, já que o bombardeio constante tornava difícil a tarefa de não odiar a

tudo e a todos. Achava que a vida seria mais tolerável se meu cérebro demorasse um pouco mais para condenar o mundo ao meu redor. Procurei a dra. Tuttle em janeiro de 2000. As coisas começaram de um jeito muito inocente: eu estava atormentada com minha infelicidade, minha ansiedade e o desejo de escapar da prisão da minha mente e do meu corpo. A dra. Tuttle me garantiu que isso não era nada incomum. Ela não era uma boa médica. Achei seu número na lista telefônica.

“Você me pegou numa boa hora”, ela disse da primeira vez que liguei. “Acabei de lavar a louça. Onde você encontrou o meu número?”

“Nas páginas amarelas.”

Gostava de pensar que havia escolhido a dra. Tuttle ao acaso, que nosso relacionamento estava escrito nas estrelas, de algum modo divino, mas na verdade ela havia sido a única psiquiatra a atender o telefone às onze da noite de uma terça-feira. Eu já tinha deixado uma dúzia de mensagens em diversas secretárias eletrônicas quando ela atendeu.

“A maior ameaça ao cérebro hoje em dia é o micro-ondas”, explicou a dra. Tuttle pelo telefone naquela noite. “Micro-ondas, ondas de rádio. Agora tem essas torres de celular bombardeando a gente em sabe-se lá que tipo de frequência. Mas esse não é o meu campo. Eu lido com o tratamento de doenças mentais. Você trabalha para a polícia?”, ela me perguntou.

“Não, trabalho com negócios de arte em uma galeria no Chelsea.”

“Você é do FBI?”

“Não.”

“Da CIA?”

“Não, por quê?”

“Preciso fazer essas perguntas. Você é do Departamento

de Narcóticos? Da Agência de Produtos Alimentares e Medicamentos? Do Departamento Federal de Saúde? Da União de Seguros? É uma detetive particular contratada por alguma entidade privada ou governamental? Trabalha para algum plano de saúde? É traficante de drogas? Viciada em drogas? Você é médica? Estudante de medicina? Está tentando conseguir remédios para um namorado ou empregador abusivo? É da Nasa?”

“Acho que tenho insônia. Esse é meu principal problema.”

“Aposto que também é viciada em cafeína, acertei?”

“Não sei.”

“É melhor continuar tomando. Se parar agora, vai ficar louca. Quem tem insônia de verdade costuma sofrer alucinações, perder a noção do tempo e ter uma memória ruim. Isso pode tornar a vida bem confusa. Acha que é esse o seu caso?”

“Às vezes me sinto morta”, eu disse. “E odeio todo mundo. Significa alguma coisa?”

“Ah, significa. Certamente significa. Tenho certeza de que posso te ajudar. Mas peço aos novos pacientes que façam uma consulta de quinze minutos para a gente ter certeza de que vamos nos dar bem. Grátis. E recomendo a você que anote os dias das consultas. Tenho uma política de cancelamento de até vinte e quatro horas antes da consulta. Sabe aqueles post-its? Compre uns. Vou precisar que você assine alguns termos, algumas declarações. Agora anote.”

A dra. Tuttle me disse para ir no dia seguinte, às nove da manhã.

O consultório dela ficava num prédio na rua 13, perto da Union Square. A sala de espera era escura, com painéis de madeira, cheia de móveis vitorianos falsos, brinquedos para gatos, vasos com pot-pourri de velas roxas, coroas de flores roxas mortas e pilhas da *National Geographic* velhas. O

banheiro estava cheio de plantas artificiais e penas de pavão. Na pia, ao lado de uma imensa barra de sabonete lilás rachado, havia uma tigelinha de madeira com amendoins sobre uma concha de madrepérola. Isso me desconcertou. Ela escondeu todos os artigos de higiene pessoal numa grande cesta de vime no armário embaixo da pia. Havia vários talcos antifúngicos, uma pomada esteroide vendida com receita, xampu, sabonete e loções que cheiravam a lavanda e violeta. Creme dental de erva-doce. Seu enxaguante bucal também era vendido com receita. Provei, tinha gosto de mar.

Da primeira vez que vi a dra. Tuttle, ela usava um colar cervical por causa de um “acidente de táxi” e segurava um gato obeso que me apresentou como sendo “o meu mais velho”. Ela apontou para os pequenos envelopes amarelos na sala de espera. “Quando entrar, escreva seu nome num deles e coloque seu cheque dobradinho dentro. Os pagamentos ficam aqui”, ela disse, batendo na caixa de madeira sobre a mesa do consultório. Era o tipo de caixa que tem nas igrejas, aquelas em que o fiel deixa uma contribuição para acender uma vela. O divã desmantelado do consultório estava coberto de pelo de gato e com uma das extremidades cheia de bonecas antigas de porcelana, com o rosto lascado. Em sua mesa havia barras de granola pela metade e recipientes empilhados com uvas e melões em pedaços, um gigantesco computador velho, mais exemplares da *National Geographic*.

“O que te traz aqui?”, ela perguntou. “Depressão?” Já havia sacado o receituário.

Meu plano era mentir. Eu havia pensado um bocado sobre isso. Disse que estava com problema para dormir nos últimos seis meses, depois reclamei de desespero e nervosismo em situações sociais. Enquanto recitava meu discurso ensaiado, percebi que era um pouco verdade. Eu

não era insone, era infeliz. Me lamuriar para a dra. Tuttle teve um efeito estranhamente libertador.

“Queria um tranquilizante, acho que é isso”, disse, com toda franqueza. “E alguma coisa que bloqueasse minha necessidade de companhia. Estou no meu limite”, falei. “Pra piorar, sou órfã. E provavelmente sofro de estresse pós-traumático. Minha mãe se matou.”

“Como?”, perguntou a dra. Tuttle.

“Cortou os pulsos”, menti.

“Bom saber.”

Seu cabelo era eriçado e vermelho. O colar de espuma que usava em volta do pescoço tinha manchas que pareciam de café e comida, e comprimia a pele do pescoço em direção ao queixo. Seu rosto lembrava um sabujo, a bochecha dobrada e caída, os olhos encovados escondidos sob pequenos óculos de armação de metal com lentes de fundo de garrafa. Nunca dei uma boa analisada nos olhos da dra. Tuttle. Suspeito que refletiam uma certa loucura naquelas íris pretas e brilhantes como as de um corvo. Sua caneta era longa e roxa, e tinha uma pluma roxa na ponta.

“Tanto meu pai quanto minha mãe morreram quando eu estava na faculdade”, continuei. “Faz poucos anos.”

Ela pareceu me analisar por um momento, sua expressão vazia e tensa. Em seguida se voltou para seu pequeno bloco de receituários.

“Sou muito boa em lidar com planos de saúde”, disse com naturalidade. “Sei jogar os joguinhos deles. Você tem dormido pelo menos um *pouco*?”

“Pouquíssimo”, respondi.

“Algum sonho?”

“Só pesadelos.”

“Imaginei. Dormir é fundamental. A maioria das pessoas precisa de catorze horas ou mais. A era moderna nos obrigou a viver de um jeito que não é natural. Todo mundo

ocupado, ocupado, ocupado. Fazer, fazer, fazer. Você provavelmente trabalha demais.” Rabiscou por um tempo em seu bloquinho. “*Alegria*”, disse a dra. Tuttle. “Gosto mais dela do que do *prazer*. *Felicidade* não é uma palavra que eu goste de usar por aqui. É duro demais, felicidade. Sou uma pessoa que aprecia as sutilezas da experiência humana. Estar bem descansado é o básico, é claro. Você sabe o que significa *alegria*? A-L-E-G-R-I-A?”

“Sim. Como em *The House of Mirth*”, respondi.

“Uma história triste”, disse a dra. Tuttle. “Não li.”

“Melhor não ler mesmo.”

“Li *A época da inocência*.”

“Então teve uma boa educação.”

“Fiz minha graduação na Universidade Columbia.”

“Pode ser uma informação útil pra mim, mas não é muito útil para você nessa situação. O estudo é proporcional à ansiedade, como você deve ter aprendido em Columbia. Como anda a sua alimentação? É estável? Alguma restrição alimentar? Quando você entrou aqui, me lembrou Farrah Fawcett e Faye Dunaway. Alguma relação? Eu diria que você está o quê? Uns nove quilos abaixo do ideal no IMC?”

“Acho que meu apetite voltaria ao normal se eu conseguisse dormir”, foi o que disse. Era mentira. Já dormia mais de doze horas, das oito às oito. O que eu esperava era conseguir remédios que me permitissem dormir o fim de semana inteiro.

“Já foi demonstrado que a prática diária de meditação cura insônia em ratos. Não sou religiosa, mas você pode experimentar ir a uma igreja ou sinagoga para buscar um aconselhamento sobre como conquistar a paz interior. Os quacres parecem pessoas razoáveis. Mas fique longe de cultos. Geralmente não passam de armadilhas para escravizar mulheres jovens. Você é sexualmente ativa?”

“Não muito”, respondi.

“Mora perto de alguma usina nuclear? De algum equipamento de alta voltagem?”

“Moro no Upper East Side.”

“Pega o metrô?”

Àquela altura eu pegava o metrô todos os dias para ir trabalhar.

“Muitas doenças psíquicas são transmitidas em espaços públicos confinados. Sinto que sua mente é muito porosa. Você tem algum passatempo?”

“Vejo filmes.”

“É um bom passatempo.”

“Como eles fizeram com que os ratos meditassem?”, perguntei.

“Já viu roedores que se reproduzem em cativeiro? Os pais *comem* seus próprios bebês. Agora, não podemos demonizá-los. Eles fazem isso por compaixão. Para o bem da espécie. Algum tipo de alergia?”

“Morango.”

Com isso, a dra. Tuttle pousou a caneta e encarou o infinito, parecendo imersa em pensamentos.

“*Alguns* ratos”, disse depois de um tempo, “provavelmente merecem ser demonizados. Certos ratos específicos.” Ela pegou a caneta de volta com um floreio da pluma roxa. “No momento em que começamos a generalizar, desistimos do nosso direito de ser autossuficiente, se é que me entende. Os ratos são muito leais ao planeta. Tente estes”, ela disse, enquanto me entregava a receita médica. “Não compre todos de uma vez. Precisamos fracioná-los pra não dar bandeira.” Ela se levantou toda dura, abriu um armário de madeira cheio de amostras de remédio e atirou algumas caixas de comprimidos sobre a mesa. “Vou te dar um saquinho de papel pra ficar mais discreto”, disse. “Compre o lítio e o Haldol primeiro. É bom já começar seu caso fazendo

barulho. Mais tarde, se precisarmos experimentar algo mais excêntrico, seu plano de saúde não se surpreenderá.”

Não posso culpar a dra. Tuttle por esse conselho horrendo. Afinal, quem escolheu ser sua paciente fui eu. Ela me deu tudo o que pedi e lhe sou grata por isso. Tenho certeza de que há outros como ela por aí, mas a facilidade com que a encontrei e o alívio imediato que suas prescrições me proporcionaram me deram a impressão de que eu havia descoberto um xamã farmacêutico, um mago, um feiticeiro, um sábio. Às vezes me pergunto se a dra. Tuttle era mesmo real. Se fosse fruto da minha imaginação, acharia engraçado escolher alguém assim em vez de uma pessoa mais parecida com um dos meus ídolos — Whoopi Goldberg, por exemplo.

“Ligue para a emergência se algo ruim acontecer”, disse a dra. Tuttle. “Seja racional quando puder. Não dá para saber ao certo como esses remédios vão agir em você.”

No começo dessa empreitada, eu pesquisava na internet qualquer coisa que ela me desse pra tentar descobrir quanto aquilo me faria dormir por dia. Mas ler sobre a substância estragava a magia. O sono parecia uma coisa banal, só mais uma função mecânica do corpo, como espirrar, cagar ou flexionar uma articulação. Os “efeitos colaterais e as advertências” que via na internet também eram desanimadores e geravam uma ansiedade que aumentava o fluxo de pensamentos, o exato oposto do que eu queria que os comprimidos fizessem. Então passei a comprar coisas como Neuroproxin, Maxifenfen, Valdignore e Silencior e incluí na minha dieta aqui e ali, mas basicamente eu tomava doses elevadas de sonífero complementada por um Seconal ou Nembutal quando estava irritada, Valiums ou Psicosedins quando suspeitava estar triste, e Neurontin ou Notec ou Buspirona quando suspeitava me sentir só.

Em poucas semanas acumulei uma impressionante

biblioteca de psicofármacos. Cada caixinha trazia o símbolo de um olho sonolento e a caveira com os ossos cruzados. “Em caso de gravidez, descontinue a medicação.” “O comprimido deve ser ingerido acompanhado de leite ou outro alimento.” “Guarde em local seco.” “Pode causar sonolência.” “Pode causar tontura.” “Não tome aspirina enquanto fizer uso desta medicação.” “Não moa os comprimidos.” “Não mastigue os comprimidos.” Qualquer pessoa normal teria se preocupado com a saúde sob o efeito dessas drogas. Eu não era de todo ingênua acerca dos riscos potenciais. Meu pai foi comido vivo pelo câncer. Vi minha mãe no hospital cheia de tubos, com morte cerebral. Perdi uma amiga de infância para uma insuficiência hepática depois que ela tomou paracetamol com Naldecon no ensino médio. A vida é frágil e fugaz e toda cautela é pouco, claro, mas eu estava disposta a correr risco de vida em nome do sonho de dormir o dia todo e me tornar uma pessoa completamente nova. E supus ser inteligente o bastante para saber de antemão se os remédios me matariam. Eu começaria a ter pesadelos premonitórios antes que isso acontecesse, antes que meu coração parasse ou meu cérebro explodisse ou que eu tivesse uma hemorragia ou me jogasse da janela do meu apartamento, no sétimo andar. Estava confiante de que tudo daria certo desde que eu pudesse dormir o dia todo.

Me mudei para esse apartamento na rua 84 do lado leste de Manhattan em 1996, um ano depois de me formar em Columbia. No verão de 2000, ainda não tinha tido nenhuma conversa com nenhum vizinho — quase quatro anos de silêncio absoluto no elevador, cada subida e descida constrangedora era uma performance de hipnose. Meus vizinhos eram basicamente pessoas com quarenta e tantos anos, casadas e sem filhos. Todo mundo bem-arrumado e

profissional. Um monte de casaco de lã de camelo e pasta de couro preta. Echarpes Burberry e brinquinhos de pérola. De tempos em tempos, via umas mulheres solteiras e barulhentas da minha idade falando no celular e passeando com poodles minúsculos. Elas me lembravam Reva, só que com mais dinheiro e menos aversão a si mesmas, suponho. Isso era Yorkville, o Upper East Side. As pessoas eram megaconvencionais. Ao atravessar o saguão de pijama e chinelo rumo ao bar, eu sentia como se estivesse cometendo um crime, mas não me importava. As únicas pessoas em volta que não andavam nos trinquês eram judeus idosos residentes em apartamentos com aluguel de preço controlado. Mas eu era alta, magra, loira, bonita e jovem. Mesmo no meu pior, sabia que ainda parecia o.k.

Meu prédio tinha oito andares, era de concreto com toldos bordô, tinha uma fachada genérica num quarteirão forrado de prédios antigos, cada um com sua plaqueta alertando os transeuntes a não deixar que os cachorros mijassem nas escadas porque isso danificaria o arenito. “Vamos honrar os que nos antecederam e os que virão depois de nós”, dizia uma das placas. Os homens iam trabalhar no centro em carros alugados e as mulheres faziam botox, botavam silicone no peito e operavam a vagina para que ficasse apertadinha para o marido e o personal trainer, pelo menos foi o que Reva me disse. Eu achava que o Upper East Side poderia me proteger dos concursos de beleza e das brigas de galo do mundo da arte no qual eu “trabalhava” no Chelsea. Mas morar no centro da cidade me infectou com seu próprio vírus quando me mudei. Tinha tentado ser uma dessas loiras andando apressadinha pra cima e pra baixo usando cinta por baixo da roupa e um fone que nem uma idiota que se acha a tal, conversando sabe-se lá com quem — Reva?

Nos fins de semana, fazia o que as jovens nova-iorquinas

como eu deviam fazer: desintoxicação intestinal, limpeza de pele, luzes, frequentava uma academia absurdamente cara, deitava na sauna até ficar cega, depois saía à noite calçando sapatos que machucavam meus pés e me renderam uma dor ciática. De vez em quando conhecia um cara interessante na galeria. Tinha fases de dormir com mais gente, depois com menos. Nada jamais evoluiu em termos de “amor”. Reva volta e meia falava em “escolher alguém”, “ter um relacionamento sério e estável”. Aquilo pra mim parecia a morte.

“Prefiro ficar sozinha a ser a prostituta em tempo integral de alguém”, eu disse.

Ainda assim, de vez em quando me batia um impulso romântico em relação a Trevor, um ex-namorado de muitas idas e vindas, meu primeiro e único. Eu tinha apenas dezoito anos e estava no primeiro ano da faculdade quando o conheci numa festa de Halloween num loft perto de Battery Park. Fui a essa festa com um bando de garotas da irmandade da qual eu tentava participar. Como a maioria das fantasias de Halloween, a minha era uma desculpa para andar pela cidade vestida de puta. Fui de detetive Rizzoli, a personagem de Whoopi Goldberg em *Mercadores da morte*. Na primeira cena do filme, ela está à paisana e disfarçada de prostituta. Para imitá-la, fiz o cabelo, usei um vestido bem justo, salto alto, jaqueta lamê dourada e óculos de sol brancos estilo gatinho. Trevor estava de Andy Warhol: peruca loira, óculos pretos de aro grosso, camisa listrada e apertada. Minha primeira impressão foi de que ele era um espírito livre, inteligente, engraçado. O que se provou um completo equívoco. Saímos juntos da festa e passamos horas batendo perna. Mentimos um pro outro sobre quão feliz era nossa vida, comemos pizza à meia-noite, pegamos a balsa em Staten Island e ficamos indo e voltando de um lado pro outro até o sol nascer. Dei o telefone do meu

dormitório na faculdade. Quando ele finalmente ligou, duas semanas depois, fiquei completamente obcecada. Ele me manteve na rédea curta por meses — jantares caros, ópera ou balé de vez em quando. Tirou minha virgindade num chalé de esqui em Vermont no Dia dos Namorados. Não foi uma experiência agradável, mas acreditei que ele fosse mais experiente do que eu, então, quando saiu de cima de mim e disse “Foi incrível”, acreditei. Ele tinha trinta e três, trabalhava no Fuji Bank do World Trade Center, usava ternos sob medida, mandava um carro me apanhar no dormitório e depois, a partir do segundo ano, na casa da irmandade, me servia vinho, jantares e não tinha nenhum constrangimento em pedir pra ser chupado no banco de trás do táxi que entrava na conta da empresa. Eu achava que isso provava sua masculinidade. Minhas amigas da irmandade concordavam: ele era “fino”. E eu estava impressionada com quanto ele gostava de falar de seus sentimentos, coisa que nunca tinha visto um homem fazer. “Minha mãe virou maconheira, é por isso que tenho essa melancolia profunda.” Ele fazia viagens frequentes a Tóquio a trabalho e a San Francisco para visitar a irmã gêmea. Eu suspeitava que ela o estivesse desencorajando a namorar comigo.

Ele terminou o namoro pela primeira vez ainda no primeiro ano da faculdade porque eu era “muito jovem e imatura. Não posso ser a pessoa que vai te ajudar a superar suas questões de abandono”, explicou. “É muita responsabilidade. Você merece alguém que possa de fato apoiar seu desenvolvimento emocional.” Então passei o verão em casa com meus pais e transei com um garoto da escola que tinha uma libido muito intensa e era muito mais interessado nos meandros de como o clitóris “funciona”, embora não fosse paciente o bastante para de fato interagir com o meu de modo satisfatório. Mesmo assim, foi útil.

Não sentir nada pelo menino, poder usá-lo, me ajudou a recuperar um pouco de dignidade. No Dia do Trabalho, quando mudei para a Delta Gamma, Trevor e eu estávamos juntos de novo.

Nos oito anos seguintes, Trevor periodicamente exauriria sua autoestima com mulheres mais velhas (leia-se: mulheres da idade dele) e depois voltava pra mim. Eu sempre estava disponível. Saía com outros caras de vez em quando, mas nunca havia outro “namorado” de verdade, se é que podia chamar Trevor de namorado. Ele não concordaria em carregar esse título. Na faculdade, eu ficava com bastante gente nas fases em que não estávamos juntos, mas nada que valesse um segundo encontro. Depois que me formei e fui lançada ao mundo adulto — já na condição de órfã —, o desespero me deixou mais ousada e eu com frequência implorava para Trevor voltar comigo. Dava pra ouvir o pau dele endurecendo do outro lado da linha quando eu ligava e suplicava que viesse me dar um abraço. “Vou ver se consigo uma brecha na agenda”, ele dizia. Então aparecia e eu me aninhava em seus braços como a criança que ainda era, inebriada de gratidão pelo gesto de reconhecimento, saboreando a presença dele ali na cama, ao meu lado. Era como se ele fosse algum mensageiro divino, minha alma gêmea, meu salvador, fosse lá o que fosse. Trevor gostava de passar a noite na minha casa na rua 84 para recuperar a autoconfiança perdida em seu último caso. Eu odiava quando percebia que era isso que ele sentia. Uma vez ele disse que tinha medo de transar comigo de um jeito muito “apaixonado” porque não queria partir meu coração. Então praticava uma foda eficiente, egoísta e, assim que terminava, se vestia, conferia o pager, penteava o cabelo, me dava um beijo na testa e ia embora.

Uma vez perguntei: “Se você só pudesse fazer sexo oral ou penetração pro resto da vida, o que escolheria?”.

“Sexo oral”, ele respondeu.

“Isso não é meio gay?”, repliquei. “Estar mais interessado na boca do que na vulva?”

Ele passou semanas sem falar comigo.

Mas Trevor tinha um metro e noventa e três. Estava sempre limpo, em forma e confiante. Era um milhão de vezes melhor do que os nerds hipsters que eu via pela cidade e na galeria. Na faculdade, o departamento de história da arte estava infestado desse modelito de jovens do sexo masculino. Uma “alternativa” em relação aos garotos das fraternidades, aos superinteligentes que entravam direto em medicina e aos franzinos, moleques meio intelectuais e sem o menor charme que dominavam os departamentos mais criativos. Como estudante de história da arte, eu não tinha como escapar deles. Caras chatos lendo Nietzsche no metrô, Proust, David Foster Wallace, anotando seus pensamentos brilhantes num Moleskine preto. Barriga de cerveja, gambitos, moletom de zíper, casaco azul-marinho ou parca verde-exército, New Balance, gorro de tricô, bolsa de lona, mãos diminutas com dedos cabeludos, quem sabe uma cabeça de veado tatuada num bíceps sem tônus. Enrolavam seus próprios cigarros, não escovavam os dentes direito, gastavam cem dólares por semana em café. Frequentavam a Ducat, a galeria onde acabei trabalhando, com suas namoradas mais jovens — geralmente asiáticas. “Uma namorada asiática significa que o cara tem um pau pequeno”, Reva disse um dia. Eu os escutava falando merda sobre arte. Eles se ressentiam do sucesso alheio, queriam ser adorados, influentes, celebrados por seu gênio, achavam que mereciam ser alvo de admiração. A verdade, no entanto, é que mal conseguiam encarar o próprio reflexo no espelho. Todos na base do Rivotril, é o meu palpite. Esse tipinho se concentrava especialmente no Brooklyn, outra razão pela

qual eu estava feliz em morar no Upper East Side. Lá ninguém ouvia Moldy Peaches. Lá ninguém dava a mínima para “ironia” ou Dogma 95 ou Klaus Kinski.

O pior é que esses caras tentavam fazer a insegurança passar por “sensibilidade”. E funcionava. Eles é que vão dirigir museus e revistas. E só vão me contratar se acharem que eu vou dar pra eles. Mas, quando estávamos nas mesmas festas, eles me ignoravam. Eram tão egoístas e distraídos com a conversa de seus pares que você chegava a pensar que estavam debatendo um assunto da mais alta importância e que o mundo podia explodir. Não eram do tipo que se distrai com um rabo de saia, pelo menos era nisso que quase me faziam acreditar. A verdade é que provavelmente só estavam com medo de vagina, com medo de não saber o que fazer com uma boceta tão linda e rosada quanto a minha, com vergonha de sua própria inadequação sexual, intimidados por seus paus, com medo de si mesmos. Por isso resolveram se voltar para “ideias abstratas” e se afogar no álcool para não encarar o desprezo que sentiam por si mesmos e que preferiam chamar de “tédio existencial”. Era fácil imaginar aqueles caras se masturbando para Chloë Sevigny, Selma Blair, Leelee Sobieski. Para Winona Ryder.

Trevor devia se masturbar pensando em Britney Spears. Ou Janis Joplin. Nunca entendi seu descompasso. E Trevor nunca quis “se ajoelhar no altar”. Posso contar nos dedos de uma única mão quantas vezes ele me chupou. Quando se dava ao trabalho de tentar, não fazia ideia de como proceder, parecia emocionado com sua generosidade e paixão, como se esperar uns minutos para ter seu próprio pau chupado fosse uma coisa tão obscena, imprudente, algo que exigisse tamanha coragem que ele mesmo estivesse tentando entender aquela decisão. Ele beijava de um jeito agressivo e ritmado, como se tivesse estudado num manual.

Sua mandíbula era estreita e angular, o queixo um pouco malfeito, como se encaixado depois que o rosto já estava pronto. A pele tinha um tom uniforme e era bem hidratada, talvez mais lisa do que a minha. Ele mal precisava se barbear e sempre cheirava a loja de departamento. Se eu o conhecesse agora, o tomaria por gay.

Mas Trevor ao menos podia contar com uma arrogância sincera para sustentar sua bravata. Não se acovardava diante de suas ambições, como aqueles caras descoladinhos. E ele sabia me manipular — tinha que respeitá-lo ao menos por isso, por mais que isso me fizesse odiá-lo.

Trevor e eu não estávamos nos falando quando entrei em hibernação. Provavelmente liguei pra ele em algum momento em que estava sob o véu negro do Stilnox, logo no começo dessa empreitada, mas não sei se ele chegou a atender o telefone. Podia imaginá-lo absorto em alguma vagina complicada de quarenta e tantos anos, descartando qualquer pensamento acerca da minha existência, assim como quando a gente passa reto por uma prateleira de supermercado abarrotada de sucrilhos açucarados e miojos. Eu era coisa de criança, perda de tempo. Não valia as calorias que continha. Ele já disse que preferia as morenas. “Elas me deixam ser eu mesmo”, me disse. “Loiras distraem demais. Pense na sua beleza como um calcanhar de aquiles. Fica tudo muito superficial. Não digo isso de um jeito ofensivo, mas é a verdade. É difícil passar por cima da sua aparência.”

Desde a adolescência eu oscilava entre querer parecer a branquinha mimada que de fato era e a dublê de mendiga que *acho* que seria se tivesse coragem. Comprava na Bergdorf e na Barneys e em brechós chiques no East Village. O resultado era um guarda-roupa incrível que consistia no meu principal ativo profissional como recém-

formada. Logo consegui um emprego na Ducat, uma das galerias de *fine art* que ficavam do lado oeste, na rua 21. Não tinha nenhum grande plano de me tornar curadora, nenhum esquema maravilhoso para subir na vida. Só estava tentando passar o tempo. Achava que se fizesse tudo nos conformes — se conseguisse me manter num emprego, por exemplo — acabaria sufocando essa parte de mim que odiava tudo. Se fosse homem, podia ter entrado no mundo do crime. Acontece que eu parecia uma modelo de folga. Era fácil demais deixar as coisas virem na moleza e darem em nada. Trevor estava certo sobre meu calcanhar de aquiles. Ser bonita só me manteve presa a um mundo que valorizava a aparência acima de tudo.

Natasha, minha chefe na Ducat, tinha trinta e poucos. Ela me contratou assim que cheguei para fazer a entrevista, no verão em que terminei a faculdade. Eu tinha vinte e dois anos. Mal lembro da conversa que tivemos, mas sei que eu vestia uma blusa de seda creme, calça jeans preta e justa, sapatilhas (para o caso de ser mais alta do que ela, o que de fato se comprovou, por um centímetro) e um enorme colar de vidro verde tão pesado que literalmente me rendeu um hematoma enquanto corria pelas escadas do metrô. Sabia que não devia ir de vestido nem com nada muito afetado ou feminino. Isso só renderia um desprezo paternalista. Natasha usava basicamente a mesma roupa todos os dias — um blazer Yves Saint-Laurent e calça de couro apertada, zero maquiagem. Era o tipo de mulher fruto de uma miscigenação misteriosa que poderia brotar facilmente em quase qualquer país. Podia ser de Istambul, de Paris, do Marrocos, de Moscou, de Nova York, de San Juan ou até mesmo de Phnom Penh, se estivesse sob a luz certa e dependendo de como arrumasse o cabelo. Era fluente em quatro línguas e tinha sido casada com um aristocrata italiano, um barão ou um conde, pelo menos foi o que ouvi

dizer.

A arte que exibíamos na Ducat era supostamente subversiva, irreverente, chocante, mas na verdade era só um monte de merda de contracultura enlatada no estilo “punk com grana”, nada que pudesse inspirar mais do que uma visita à Comme des Garçons da esquina para comprar uma roupa de caimento ruim. Natasha me escalou para o papel da subalterna entediada e, na maior parte do tempo, o mínimo esforço que dediquei ao trabalho era mais que suficiente. Eu era a gata fashionista. Um item da decoração. Era a vaca que senta atrás de uma mesa e te ignora quando você entra numa galeria, a gostosa com cara de enfado usando roupas superestilosas e difíceis de decifrar. Fui orientada a me fazer de boba caso alguém perguntasse alguma coisa. Fuja do assunto, seja vaga. Nunca entregue a lista de preços a ninguém. Natasha só me pagava vinte e dois mil dólares por ano. Sem minha herança, seria obrigada a procurar um emprego que me pagasse melhor. E provavelmente teria que dividir um apartamento no Brooklyn. Tive sorte por meus pais terem me deixado aquela grana, sei disso, mas também era deprimente.

O principal artista do portfólio de Natasha era Ping Xi, um jovem de vinte e três anos de aparência imberbe nascido em Diamond Bar, na Califórnia. Ela achava que ele seria um bom investimento por ser meio asiático e ter sido expulso do Instituto de Artes da Califórnia depois de ter disparado uma arma dentro de seu ateliê. Ele conferia certa respeitabilidade. “Quero que a galeria seja mais *cerebral*”, explicou Natasha. “O mercado está se afastando da emoção. O que importa agora é o processo, as ideias, a construção de marca. A masculinidade está em alta.” A primeira vez que o trabalho de Ping Xi foi exposto na Ducat foi numa mostra coletiva chamada *Corpo de substância*, da qual ele participou com uma série de pinturas por gotejamento à la Jackson

Pollock feitas com sua própria ejaculação. Ele dizia ter colocado uma pequena esfera de pigmento colorido na glândula do pênis e ter se masturbado em frente àquelas telas enormes. Cada uma dessas pinturas abstratas recebeu um título solene, como se tivessem algum significado político obscuro e profundo. *Maré turva de sangue. Inverno na cidade de Ho Chi Minh. Pôr do sol na avenida dos Franco-Atiradores. Criança palestina decapitada. Bombardeio efetivado, Nairóbi.* Era tudo uma bobajada, mas as pessoas adoraram.

Natasha tinha um orgulho especial da mostra *Corpo de substância* porque todos os artistas tinham menos de vinte e cinco anos e ela mesma havia descoberto todos eles. Ela tomava isso como prova de que tinha um dom para identificar verdadeiros talentos. A única peça da mostra de que eu gostava tinha sido feita por Aiyla Marwazi, uma jovem de dezenove anos que havia estudado no Instituto Pratt. Era um imenso tapete branco da Crate & Barrel com pegadas ensanguentadas e uma extensa mancha de sangue como se um corpo tivesse sido arrastado. Natasha me disse que o sangue no tapete era humano, mas não registrou isso no material enviado à imprensa. “Parece que dá para encomendar de tudo em sites da China. Dentes. Ossos. Membros.” O tapete ensanguentado custava setenta e cinco mil dólares.

A série *Filme plástico*, de Annie Pinker, consistia em pequenos objetos embrulhados em filme PVC. Um de pequenas frutas de marzipã e chaveiros de pé de coelho, outro de flores secas e preservativos. Absorventes usados enrolados e balas de borracha. Um Big Mac com batatas fritas e um rosário de plástico barato. Os dentes de leite da artista, ou pelo menos era o que ela dizia, e M&M’s em cores natalinas. Transgressão barata por uma bagatela de vinte e cinco mil dólares. E ainda tinha as fotografias em grande escala de manequins envoltos em tecido cor de carne de

Max Welch, um idiota completo. Desconfio que ele e Natasha estavam transando. Num pedestal baixo num canto havia uma pequena escultura dos Irmãos Brahams — dois macaquinhos feitos de pelos pubianos humanos. Cada um com uma pequena ereção perceptível por entre os pelos. Os pênis eram feitos de titânio branco e tinham câmeras acopladas, posicionadas para fotografar quem os observasse. As imagens iam diretamente para um site protegido por senha. A senha para ver essas fotos custava cem dólares. Os macacos custavam duzentos e cinquenta mil.

No trabalho, no intervalo para o almoço, eu tirava uma soneca de uma hora dentro do armário de suprimentos que ficava debaixo da escada. “Tirar uma soneca” é um termo bem infantil, mas era exatamente o que eu fazia. A matiz de cores do meu sono noturno era mais variável, geralmente imprevisível, mas bastava me escorar naquela despensa para ser imediatamente transportada ao vazio negro, a um infinito repleto de coisa alguma. Naquela despensa, eu não me sentia assustada ou exultante. Não tinha visões. Não tinha ideias. Se por acaso me surgisse um pensamento mais nítido, eu o escutaria e seu som ecoaria e ecoaria até ser absorvido pela escuridão e desaparecer por completo. Não havia necessidade de responder. Nenhuma conversa fútil comigo mesma. Tudo era calmo. O exaustor do armário liberava um fluxo constante de ar fresco que trazia consigo um leve aroma de roupa limpa vindo da lavanderia do hotel ao lado. Não havia trabalho a ser feito, nada em que eu precisasse intervir ou oferecer algum tipo de compensação porque, afinal, não havia nada e ponto. E no entanto eu estava ciente do vazio. Era como se em alguma instância meu sono incluísse uma vigília. Eu me sentia bem. Quase feliz.

Mas sair desse sono era excruciante. Minha vida inteira

passava diante dos meus olhos da pior maneira possível, minha mente se reabastecia de todas as minhas memórias estúpidas, todas as pequenas idiotices que me levaram até o ponto em que me encontrava. Tentava me lembrar de qualquer outra coisa — de uma versão melhor, de uma história feliz, às vezes só de uma vida igualmente aleijada, mas pelo menos diferente, cujas digressões trariam ao menos certo frescor —, mas nunca funcionava. Continuava sendo eu mesma. Às vezes acordava com o rosto banhado em lágrimas. De fato, as únicas vezes que chorei foram nesses momentos em que era desviada daquele vazio pelo alarme do celular. Era quando eu tinha que subir as escadas, tomar um café na pequena copa da galeria e limpar a ramela dos olhos. Me readaptar à dura iluminação fluorescente sempre levava um certo tempo.

Por cerca de um ano tudo parecia correr bem entre nós duas. A maior bronca que Natasha havia me dado foi por ter comprado canetas erradas.

“Por que a gente usa essas canetas baratas que fazem esse barulhinho irritante quando a gente clica?” Ela ficou ali parada, apertando a caneta mil vezes na minha direção.

“Me desculpa, Natasha”, respondi. “Vou comprar canetas mais silenciosas.”

“O FedEx já chegou?”

Raramente sabia responder a essa pergunta.

Quando comecei a frequentar a dra. Tuttle, estava dormindo catorze horas por noite durante a semana, mais aquela horinha extra do almoço. Nos fins de semana, só ficava acordada algumas poucas horas do dia. Mesmo acordada, não ficava plenamente desperta, mas em meio a uma névoa, num estado indistinto entre realidade e sonho. Me tornei desleixada e preguiçosa no trabalho, mais desbotada, vazia, ausente. Isso me agradava, mas *fazer*

qualquer coisa era um problema. Quando as pessoas falavam, eu tinha que repetir mentalmente o que elas haviam dito para conseguir decodificar. Falei para a dra. Tuttle que estava tendo dificuldade de concentração. Ela disse que isso devia ser culpa da “neblina cerebral”.

“Você está dormindo o suficiente?”, ela perguntava a cada semana que ia vê-la.

“Mal”, era o que eu sempre respondia. “Esses remédios mal controlam a minha ansiedade.”

“Coma uma lata de grão-de-bico”, ela disse. “Também conhecido como gravanço. E tome *isto* aqui”, aconselhou a dra. Tuttle, rabiscando alguma coisa em seu receituário. A gama de medicamentos que eu estava acumulando era espantosamente encorajadora. A dra. Tuttle me explicou que para otimizar a cobertura do plano ela prescrevia remédios para os efeitos colaterais em vez de atacar direto aqueles cujo objetivo principal seria aliviar meus sintomas, que, no caso, consistiam em “fadiga debilitante devido à fraqueza emocional seguida de insônia, resultando em psicose suave e beligerância”. Foi isso que ela me disse que ia registrar em suas notas. Chamou seu método de prescrição de “eco prescrição” e disse que estava escrevendo um artigo sobre o assunto que logo seria publicado. “É para uma revista acadêmica de Hamburgo.” Me deu comprimidos para enxaqueca, outros que evitavam convulsões, outros para síndrome das pernas inquietas, para perda auditiva. Todos deveriam me relaxar e fazer com que eu conseguisse ter meu “tão necessário descanso”.

Um dia, em março de 2000, voltei para minha mesa na Ducat após uma visita ao abismo cósmico da despensa e encontrei um bilhete que iluminaria a trilha da minha futura demissão. “Durma à *noite*”, dizia o recado de Natasha. “Este é um local de trabalho.” Não posso culpá-la por ter pensado

em me demitir. Àquela altura já fazia quase um ano que eu vinha cochilando no expediente. Nos meses finais, nem me arrumava para ir ao trabalho. Simplesmente sentava na mesa com um moletom de capuz e rímel de três dias endurecido e manchado ao redor dos olhos. Perdia as coisas. Confundia tudo. Não acertava uma. Planejava uma coisa e de repente me via fazendo o oposto. Fazia bagunça. Os estagiários discutiam comigo em relação às tarefas, tinham que me lembrar do que eu mesma havia pedido para eles. “E agora, o que eu faço? Qual o próximo passo?”

E agora? Eu não tinha a menor ideia.

Natasha começou a perceber. Minha sonolência era útil na hora de ser mal-educada com os visitantes da galeria, mas não para assinar protocolos de entrega ou notar se alguém tinha entrado com um cachorro que deixara marcas pelo chão, o que acontecia de vez em quando. Também tinha café derramado. Mestrandos tocando nas telas, uma vez até reorganizando uma instalação de Jarrod Harvey que consistia em caixas de CD quebradas formando a palavra “BURLAR”. Quando vi, simplesmente rearrumei a instalação, ninguém iria notar. Mas certa tarde, quando uma moradora de rua entrou e se instalou no quarto dos fundos, Natasha ficou sabendo. Eu não sabia dizer quanto tempo a mulher tinha ficado ali. Talvez achassem que ela fazia parte da obra. Acabei dando cinquenta dólares pra ela ir embora. Natasha não conseguiu esconder sua irritação.

“Quando as pessoas entram aqui e te veem, você acaba sendo meu cartão de visita. Sabia que Arthur Schilling esteve aqui na semana passada? Acabei de receber um telefonema.” Ela decerto pensou que eu estava drogada.

“Quem?”

“Caramba! Estude a lista de registros. Examine as fotos das pessoas e grave o rosto delas”, disse. “Cadê a lista das obras que vão para o Earl?” Etc. etc.

Naquela primavera, a galeria estava montando a primeira exposição individual de Ping Xi, intitulada *Bowwowwow*, e Natasha surtava com detalhes minúsculos. Provavelmente teria me demitido antes se não estivesse tão ocupada.

Tentei fingir interesse e esconder meu horror sempre que Natasha falava sobre a obra *Pedaços de cachorro*, de Ping Xi. Ele tinha empalhado vários cachorros de várias raças: um poodle, um lulu-da-pomerânia, um scottish terrier. Um labrador preto, um dachshund. Até um filhotinho de husky siberiano. Fazia tempo que ele trabalhava naquilo. Natasha e ele se aproximaram desde o sucesso de vendas de suas pinturas de esperma.

Quando a obra estava sendo instalada, ouvi um dos estagiários sussurrar para o electricista.

“Estão dizendo que o artista comprava os cachorros ainda filhotes, criava, e, quando atingiam o tamanho que ele queria, ele matava. Trancava os cachorros num freezer industrial porque essa é a forma menos cruel de fazer eutanásia sem estragar a aparência dos bichos. Quando descongelavam, ele conseguia colocá-los na posição que quisesse.”

“Por que ele simplesmente não envenenava os cachorros ou quebrava o pescoço deles?”

Tive a sensação de que o boato era verdadeiro.

Quando os cães foram devidamente posicionados, os fios ligados, todos os cabos elétricos instalados, Natasha apagou as luzes e acendeu cada um dos cachorros. Lasers vermelhos saíam dos olhos deles. Fiz carinho no labrador preto enquanto os funcionários varriam o pelo caído no chão. O rosto dele estava frio e sedoso.

“Nada de carinho, por favor”, disse Ping Xi de repente, na escuridão.

Natasha pegou o braço dele e o assegurou de que estava pronta para notas de repúdio do PETA, para um protesto ou

outro, para um editorial no *New York Times* que na verdade seria uma publicidade de ouro. Ping Xi assentiu com o rosto inexpressivo.

No dia da abertura, liguei dizendo que estava doente. Natasha pareceu não se importar e mandou Angelika ficar na recepção. Era uma anoréxica gótica, veterana da NYU. A exposição foi um “sucesso brutal”, disse um crítico. “Cruelmente engraçada.” Um outro disse que Ping Xi “marcava o fim do sagrado na arte. Eis um fedelho mimado zombando de tudo o que está estabelecido. Alguns o estão saudando como o próximo Marcel Duchamp. Mas será que ele vale o barulho?”.

Não sei por que simplesmente não pedi demissão. Eu não precisava do dinheiro. Fiquei aliviada quando finalmente, em junho, Natasha ligou da Suíça pra me mandar embora. Ao que tudo indicava, eu havia feito confusão na remessa de materiais para a Art Basel.

“Só por curiosidade, o que está *acontecendo* com você?”, ela quis saber.

“Só tenho estado muito cansada.”

“É um problema de saúde?”

“Não”, respondi. Podia ter mentido dizendo que tinha mononucleose ou algum distúrbio do sono. Talvez um câncer, todo mundo está tendo câncer. Mas era inútil me defender, eu não tinha nenhum bom motivo pra lutar por aquele emprego. “Você está me demitindo?”

“Adoraria que você ficasse até eu voltar e, nesse tempo, ensinasse Angelika como tudo funciona na galeria, a mexer no sistema de arquivamento, no que quer que você esteja fazendo no computador, se é que está fazendo alguma coisa.” Desliguei o telefone, peguei um punhado de Fenergans, desci para o armário de suprimentos e caí no sono.

Ah, dormir. Nada poderia me dar tanto prazer, tanta liberdade, o poder de sentir e de me mover, de pensar e me imaginar a salvo das misérias que acometiam minha consciência em estado de vigília. Eu não tinha narcolepsia — nunca adormeci involuntariamente. Estava mais para uma hipersonia. Era sonófila. Sempre adorei dormir. Era um programa que minha mãe e eu gostávamos de fazer quando eu era criança. Ela não era do tipo que sentava pra me ver desenhar, ou lia pra mim ou brincava ou saía para andar no parque ou assava um bolo comigo. Nós nos dávamos melhor dormindo.

Quando eu estava no terceiro ano, minha mãe passou a deixar que eu dormisse na cama dela por causa de um conflito não declarado com meu pai. Dizia que era mais fácil me acordar de manhã sem ter que levantar e atravessar o corredor. Naquele ano, tive trinta e sete atrasos e vinte e quatro faltas. Foram trinta e sete vezes que minha mãe e eu acordamos juntas, com os olhos turvos e exaustas, tentamos nos levantar e, em seguida, voltamos para a cama e adormecemos enquanto desenhos animados reluziam na pequena televisão do seu criado-mudo. Nós acordávamos algumas horas depois — a cortina fechada, travesseiros extras atirados no áspero tapete bege —, nos vestíamos nesse estado de atordoamento e embarcávamos no carro. Lembro de vê-la usar uma das mãos para manter o olho aberto enquanto dirigia com a outra. Já me perguntei muitas vezes o que ela estava tomando naquele ano, e se estava me dando alguma coisa. Foram vinte e quatro vezes que ignoramos o alarme, acordamos às vezes ao meio-dia e simplesmente desistimos da ideia de ir à escola. Eu passava o dia comendo sucrilhos e assistindo TV. Minha mãe fumava, falava ao telefone, se escondia da empregada, contrabandeava uma garrafa de vinho para o banheiro da suíte, preparava um banho de banheira e lia Danielle Steel

ou *Casa & Jardim*.

Meu pai passou aquele ano dormindo no sofá do escritório. Lembro de seus óculos grossos empoleirados na mesa de carvalho, as lentes engorduradas ampliando o grão escuro da madeira. Sem os óculos, eu mal o reconhecia. Ele tinha uma aparência pouco marcante — cabelo castanho desgrenhado, bochecha de buldogue, uma única ruga de preocupação bastante funda cravada na testa. Aquela ruga lhe dava um ar de eterna perplexidade, ainda que passiva, como um homem enjaulado atrás de seus olhos. Eu o achava meio que uma nulidade. Um estranho que se comportava como um fantoche e que usava da gentileza para viver aquela vida doméstica com duas mulheres estranhas que ele nem sonhava entender. Toda noite ele jogava um Sonrisal num copo d'água e eu observava o comprimido se dissolver. Lembro de escutar o som do efervescente enquanto ele apanhava as almofadas do sofá e as empilhava silenciosamente num canto, com seu pijama triste e desbotado arrastando pelo chão. Talvez tenha sido nesse momento que o câncer se instalou, um punhado de células defeituosas se formando durante uma noite de sono ruim no escritório.

Meu pai não era nem um aliado nem um confidente, mas me parecia errado que aquele homem trabalhador fosse relegado ao sofá enquanto minha mãe preguiçosa se espalhava numa cama king size. Isso me deixava desconfortável, mas ela parecia imune à culpa e à vergonha. Acho que conseguia fazer o que queria sem grandes consequências só porque era bonita. Parecia a Lee Miller se a Lee Miller fosse uma bêbada confinada ao próprio quarto. Acho que culpava meu pai por ter arruinado sua vida — ela engravidou e largou a faculdade pra se casar. Ela não devia ter feito isso, é claro. Nasci em agosto de 1973, sete meses depois do caso *Roe contra Wade*, aquele que acabou

legalizando o aborto. A família dela era composta de, por um lado, aquela ala de frequentadores de clube de campo batistas sulistas e alcoólatras — madeireiros do Mississippi. Pelo outro, de petroleiros da Louisiana. Não fosse por isso, imagino que ela teria abortado. Meu pai era doze anos mais velho que ela. Minha mãe tinha apenas dezenove e já estava grávida de quatro meses quando eles se casaram. Entendi isso assim que me tornei tecnicamente habilitada para fazer contas. Estrias, excesso de pele, cicatrizes na barriga. Ela dizia que parecia que tinha sido “atacada por um guaxinim” e olhava pra mim como se eu tivesse enrolado o cordão umbilical no meu próprio pescoço de propósito. Talvez eu tivesse mesmo. “Quando eles abriram minha barriga e te puxaram de lá, você estava azul. Depois de tudo o que passei, as consequências, seu pai... O bebê vai e morre? Seria como derrubar uma torta no chão logo depois de tirá-la do forno.”

Palavras cruzadas eram o único exercício intelectual que minha mãe se permitia fazer. Algumas noites ela saía do quarto pra pedir dicas ao meu pai. “Não me dê a resposta, só me diga como a palavra *soa*”, ela dizia. Meu pai, professor, era bom em orientar as pessoas para que tirassem as próprias conclusões. Ele era frio, mal-humorado e até um pouco sarcástico de vez em quando. Puxei a ele. Uma vez minha mãe disse que nós dois tínhamos um “coração de pedra”. Mas ela também tinha uma aura fria. Acho que ela não percebia isso. Nenhum de nós era afetuoso. Nunca me deixaram ter animais de estimação. Às vezes acho que um cachorrinho poderia ter mudado tudo. Meus pais morreram um em seguida do outro durante meu primeiro ano de faculdade — primeiro meu pai, de câncer. Seis semanas depois minha mãe, de comprimidos e álcool.

Tudo isso, a tragédia do meu passado, voltou com força total naquela noite em que acordei na despensa da Ducat

pela última vez.

Eram dez da noite e todos já tinham ido pra casa. Subi a escada escura e fui limpar minha mesa. Não sentia tristeza ou nostalgia, apenas desgosto por ter desperdiçado tanto tempo num trabalho desnecessário quando poderia estar dormindo sem sentir nada. Fui estúpida em acreditar que um emprego agregaria valor à minha vida. Numa sacola de compras que encontrei na sala dos funcionários enfiei minha caneca de café, a roupa extra que guardava na gaveta da mesa junto com alguns pares de salto alto, uma meia-calça, um sutiã com enchimento, maquiagem, um papelote de cocaína intocado, guardado havia um ano. Pensei em roubar algo da galeria — a foto de Larry Clark pendurada no escritório de Natasha ou o cortador de papel. Me contentei com uma garrafa de champagne — um prêmio de consolação um tanto sem graça e por isso mesmo bastante apropriado.

Apaguei todas as luzes, liguei o alarme e saí. Era uma noite fria de começo de verão. Acendi um cigarro e fiquei em pé de frente para a galeria. Os lasers não estavam ligados, mas através do vidro pude ver o poodle branco e alto que encarava a calçada. Ele exibia os dentes, com um canino de ouro brilhando à luz do poste. Havia um laço de veludo vermelho amarrado em seu pequeno penteado bufante. De repente me veio à tona um sentimento. Tentei esmagá-lo, mas ele se aninhou nas minhas entranhas. “Animais de estimação só fazem bagunça. Não quero ter que sair por aí tirando pelos de cachorro do dente”, lembrei de ouvir minha mãe dizer.

“Nem um peixinho dourado?”

“Pra quê? Só pra ver ele nadar e morrer?”

Talvez essa lembrança tenha provocado a hemorragia da adrenalina que me levou a voltar pra dentro da galeria. Tirei alguns lenços de papel que estavam na minha antiga

escrivaninha, acendi os lasers e fiquei entre o labrador preto de pelúcia e o dachshund adormecido. Então abaixei a calça, me agachei e caguei no chão. Me limpei e me arrastei pela galeria com a calça no tornozelo e enfiei os lenços de papel cheios de merda na boca daquele poodle idiota. Me senti vingada. Foi uma despedida à altura. Saí e peguei um táxi pra casa; bebi toda a garrafa de champanhe naquela mesma noite e adormeci no sofá vendo *A ladrona*. Pelo menos Whoopi Goldberg era um motivo para continuar viva.

No dia seguinte preenchi os formulários de requisição do seguro-desemprego, algo que deve ter deixado Natasha um tanto chateada. Mas ela nunca me ligou. Combinei um esquema de coletas semanais com a lavanderia, pus todas as minhas contas no débito automático, comprei um arsenal de fitas VHS usadas no brechó da Associação Beneficente da Mulher Judia, na Segunda Avenida, e logo estava imersa num mar de comprimidos e dormindo o dia inteiro com breves intervalos de duas ou três horas entre uma jornada e outra. Isso é bom, pensei comigo mesma. Enfim fazia algo que de fato importava. O sono parecia produtivo. Algo estava sendo resolvido. No fundo do coração, eu sabia — talvez essa fosse a única coisa que meu coração sabia naquela época — que assim que eu tivesse dormido o suficiente ficaria bem. Eu me renovaria, renasceria. Seria uma pessoa totalmente nova, cada uma das minhas células se regeneraria a tal ponto que as antigas pareceriam memórias distantes encobertas pela névoa. Minha vida passada seria apenas um sonho e eu poderia começar de novo sem arrependimentos, amparada pela felicidade e pela serenidade que teria acumulado em meu ano de descanso e relaxamento.

Dois

Eu via a dra. Tuttle semanalmente, mas depois que saí da Ducat fiquei sem saco de ir até a Union Square uma vez por semana. Por isso disse a ela que estava “fazendo um frila em Chicago” e que só conseguiria vê-la pessoalmente uma vez por mês. Ela disse que poderíamos nos falar por telefone toda semana. Ou não, desde que eu deixasse os cheques pré-datados com a diferença da consulta que meu plano não cobria. “Se o plano perguntar, diga que vem aqui toda semana. Só por segurança.” Ela nunca reparou que nossas conversas ao telefone aconteciam durante minhas visitas de reabastecimento a uma farmácia de Manhattan. Nunca me perguntou como estava indo o trabalho em Chicago ou o que eu fazia por lá. A dra. Tuttle não sabia nada sobre meu projeto de hibernação. Queria que ela pensasse que eu era uma pilha ambulante em termos de nervosismo, mas ao mesmo tempo um ser humano totalmente funcional, de modo que se sentisse à vontade para me prescrever o que quer que me derrubasse com mais eficácia.

Mergulhei no sono com força total assim que esse arranjo foi feito. Foi um momento emocionante na minha vida. Estava esperançosa. Sentia que estava a caminho de uma grande transformação.

Passei aquela primeira semana numa zona indefinida e suave. Não saí de casa uma única vez, nem pra ir ao café da esquina. Deixava um pote de macadâmia do lado da cama e comia um punhado sempre que emergia à superfície, bebia água de uma garrafa igualmente posicionada, ia ao banheiro

talvez uma vez por dia. Não atendia o telefone — ninguém além de Reva me ligava mesmo. Ela me deixava mensagens tão longas e sem fôlego que eram cortadas no meio de uma frase. Em geral telefonava enquanto se exercitava no simulador de escada da academia.

Uma noite ela veio sem avisar. O porteiro disse que achava que eu tinha viajado.

“Estava preocupada”, disse Reva, se intrometendo no apartamento com uma garrafa de vinho rosé espumante nas mãos. “Você está doente? Está comendo? Tirou uma folga do trabalho?”

“Me demiti”, menti. “Quero dedicar mais tempo aos meus interesses.”

“Que interesses? Não sabia que você tinha *interesses*.” Ela parecia se sentir completamente traída e tropeçou de leve no salto.

“Você está bêbada?”

“Você largou mesmo o emprego?”, perguntou, se livrando dos sapatos com um chute e se jogando na poltrona.

“Prefiro comer merda a ter que trabalhar praquela piranha por mais um dia”, disse.

“Você não disse que ela havia sido casada com um príncipe ou algo assim?”

“Exatamente”, respondi. “Mas era só um boato, de qualquer jeito.”

“Então você não está doente?”

“Estou *descansando*.” Deitei no sofá para fins de demonstração.

“Faz sentido”, disse Reva, aquiescendo com a cabeça, embora desse pra notar que estava desconfiada. “Tire um tempo pra descansar e pense em qual será seu próximo passo. Oprah diz que nós mulheres nos apressamos em tomar decisões porque não acreditamos que possa aparecer